

Putin mira lucro com a guerra no Irã, mas teme Trump na Ucrânia

Presidente russo vê vantagens imediatas com instabilidade no mercado de petróleo

O presidente Vladimir Putin busca ampliar ganhos imediatos com a turbulência decorrente da guerra iniciada por Donald Trump contra o Irã, mas tem forte desconfiança sobre o que o americano reserva para sua relação com a Rússia na esteira do novo conflito.

A avaliação foi colhida pela reportagem com quatro pessoas próximas do Kremlin. Na segunda-feira (9), Putin e Trump passaram uma hora ao telefone, conversa da qual transpareceram boas notícias para o russo.

Os Estados Unidos vão, segundo Trump, aliviar algumas sanções sobre o petróleo russo para garantir o fluxo do produto no mercado mundial enquanto a guerra no Oriente Médio faz o preço da commodity flutuar violentamente.

O americano citou o risco de desabastecimento devido ao eventual fechamento do estreito de Hormuz, por onde passa um quinto da produção mundial de óleo e gás natural liquefeito. Na prática, porém, o trânsito já está interrompido devido às ações militares e à ameaça de Teerã de atacar navios.

Na semana passada, os EUA já haviam relaxado por 30 dias as punições à compra do petróleo russo pela Índia, fato celebrado por Putin.

Na segunda, antes de falar com Trump, o russo disse que estava “pronto para negociar com a Europa” —o continente importava mais de 20% do óleo que consumia de Moscou antes da guerra; hoje são



Reuters/Folhapress

Ataque a aliados da Rússia gera dúvidas sobre conflito com Kiev, e nova ofensiva está em pauta

6%. “Até aqui, só há um vencedor nessa guerra, a Rússia”, disse o chefe do Conselho Europeu, António Costa, nesta terça (10).

“Ela ganha novos recursos para financiar a guerra com o preço alto da energia. Ela lucra com o desvio de recursos militares que poderiam apoiar a Ucrânia. E se beneficia da atenção reduzida aos ucranianos”, resumiu o português.

Putin vê na nova guerra uma oportunidade de escapar de forma permanente das sanções devido a seu próprio conflito, a invasão da Ucrânia que completou quatro anos há duas semanas. Na conversa com Trump, segundo os observadores, foram levantadas ideias para uma solução no Oriente Médio que também embutissem vanta-

gens a Moscou no travado processo de paz com Kiev.

As rodadas de negociações sobre a guerra europeia, que estavam estagnadas, pararam após a nova guerra. Nesta terça, o presidente Volodimir Zelenski e o negociador americano Steve Witkoff disseram que pode haver novo diálogo na semana que vem.

“Os americanos agora têm mais com que se preocupar”, disse Putin na semana passada. Com efeito, o ritmo dos bombardeios contra a Ucrânia caiu, com o presidente Volodimir Zelenski denunciando a preparação de uma nova ofensiva russa.

Ela está sendo planejada de fato, segundo uma das pessoas que conversou com a reportagem,

o que é visto no entorno de Putin como uma espécie de seguro contra o temor estratégico que o ataque ao Irã trouxe ao Kremlin.

A ideia é buscar mais vantagens territoriais para quando a situação no Oriente Médio se acalmar, ainda que relativamente, e o foco de Trump voltar para a Ucrânia. Os russos temem que o americano vá endurecer os termos para tentar forçar uma solução para a crise.

Todos os ouvidos em Moscou repetem a avaliação geopolítica óbvia: Putin viu Trump capturar um aliado seu, o ditador venezuelano, Nicolás Maduro, e matar outro, o líder supremo Ali Khamenei, em menos de dois meses. Há zero coordenação no âmbito do Brics, tão valorizado em Moscou e do

qual o Irã faz parte.

A percepção no Kremlin é de alarme, em especial porque a Rússia está impotente: só pode oferecer palavras de solidariedade e se colocar como intermediária para uma negociação por ora hipotética. Foi o que Putin fez nesta terça, ao ligar para o colega iraniano Masoud Pezeshkian.

Queixas ante a dita prepotência imperialista ressurgiram nos programas de comentaristas linha-dura na TV estatal russa, embora voltadas ao público interno. Na descrição dos observadores do Kremlin, o governo Putin está atônito com a desenvoltura de Trump e tem medo de ser o próximo.

Não no sentido de ser derrubado, mas estrategicamente. A obsessão russa com a ideia de cerco, na base do ataque à Ucrânia devido à expansão a leste da aliança militar Otan, ganha ares de paranoia na elite do país quando dois líderes da esfera russo-chinesa são tirados do mapa à força.

Isso, segundo os ouvidos, deverá levar a um endurecimento na retórica nuclear de Putin, que há duas semanas dizia “ser impossível derrotar a Rússia estrategicamente” pelo fato de ela comandar o maior arsenal atômico do mundo —faltou lembrar que, num embate desses, todos perdem.

A preocupação se fixa nos próximos passos na Ucrânia. Enquanto tenta casar as duas crises em seu favor, Putin já se prepara para escalar sua própria guerra.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Estreito de Hormuz pode virar foco da guerra no Oriente Médio

Os Estados Unidos e o Irã trocaram novas ameaças nesta terça-feira (10) e arriscam levar o embate militar ao estreito de Hormuz, fundamental para o mercado de energia global e atualmente bloqueado devido à guerra.

O chefe de segurança do país persa, Ali Larjani, disse em um post no X que a rota será “de paz e prosperidade” ou “de derrota e sofrimento” para os Estados Unidos e Israel. O estreito fica ao lado da costa iraniana e é por onde trafega 20% da produção mundial de petróleo e gás.

Mais cedo, o major-general Ali Mohammad Naeini disse que as forças iranianas estão preparadas para um eventual confronto naval com os americanos. “As Forças Armadas da República do Irã estão aguardando a frota na-

val dos Estados Unidos”, afirmou à imprensa estatal do país persa.

Na segunda, a Guarda Revolucionária do Irã já havia advertido que nenhum litro de petróleo do Golfo será exportado enquanto prosseguir o conflito. O comunicado foi divulgado horas após Donald Trump falar que a guerra no Irã vai “acabar bem rápido”.

“Já vencemos de muitas formas, mas ainda não vencemos o bastante. Seguimos em frente, mais determinados do que nunca a alcançar a vitória definitiva que encerrará esse perigo de longa data de uma vez por todas”, afirmou o presidente americano, em evento com republicanos na Flórida.

Trump também disse que, se necessário, os EUA farão escolta de navios no estreito de Hormuz e atingirão o Irã “muito, mui-



NASA/GSFC via Wikimedia Commons

Estreito de Hormuz está no centro da polêmica entre EUA e Irã

to mais forte”, se o bloqueio da passagem de combustíveis continuar. O general Dan Caine reforçou a ideia nesta terça, afirmando que avaliaria as opções se for encarregado de escoltar navios no

estreito de Hormuz.

O secretário de energia do país, Chris Wright, chegou a publicar em seu perfil no X que a Marinha dos EUA havia escoltado um navio-tanque no estreito, mas apagou

a publicação em seguida. Em entrevista coletiva na tarde desta terça, a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, negou que houve escolta, embora tenha mantido a possibilidade de isso ocorrer aberta.

O secretário de Defesa dos EUA, Pete Hegseth, também disse que esta terça vai ser marcada por ataques mais intensos contra a República Islâmica. Leavitt afirmou que as Forças Armadas americanas agora se movimentam para dismantlar as capacidades de produção de mísseis do Irã, sem fornecer mais detalhes.

Teerã diz que lutará “pelo tempo que for necessário” contra Tel Aviv e Washington e que as ameaças são vazias. Em outro post no X, Larjani mandou um recado direto a Trump: “Mesmo aqueles maiores do que você não conseguiram eliminar a nação iraniana. Cuide de si mesmo para não ser eliminado”.

Por Isabella Menon e Manoella Smith (Folhapress)